

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e
Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

DIÁSPORA, IDENTIDADE E CONFLITO: O IMAGINÁRIO MARÍTIMO EM POESIA E CINEMA CABO-VERDIANOS

Julian Bohrz (UFSM)ⁱ
Anselmo Peres Alós (UFSM)ⁱⁱ

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretende-se analisar o imaginário marítimo presente e recorrente na lírica de Amílcar Cabral, poeta cabo-verdiano, mantendo o foco na análise dos poemas *Naus sem rumo*, *Regresso* e *Poema*, exemplares do motivo poético mar, e sintetizado no filme **Nha Fala**, de Flora Gomes. Através do método comparativo, será possível perceber relações, entrecruzamentos e potencializações de um motivo poético recorrente na poesia cabo-verdiana e retomado na metafórica ópera cinematográfica de Flora Gomes.

Ao pôr em contato poesia e cinema através do motivo mar, recorrente, como já referido, tanto em **Nha fala** quanto nos poemas de Amílcar Cabral, é possível perceber a resistência e força do gênero lírico em pleno século XX, na medida em que exerce papel crucial nas questões de revisão de imaginário e afirmação de identidade de uma nação. Ademais, é possível notar um movimento de desenvolvimento do texto literário para uma narrativa cinematográfica, já que um recurso poético comum e eficiente na lírica cabo-verdiana é utilizado com semelhante eficácia e significação em uma obra cinematográfica. De um lado atingindo leitores de texto literário e, de outro,

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e
Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

expectadores de cinema, nota-se uma aproximação de paradigmas de recepção de obras artísticas, inseridas no gênero lírico e no gênero narrativo cinematográfico, aparentemente distintas, mas em possível inter-relação.

Cabo Verde é um arquipélago composto por dez ilhas, colonizadas por Portugal a partir de 1460 e independentes desde 1975. Sobretudo pela peculiaridade geográfica, a relação dos cabo-verdianos com o mar revela-se sintomática. Primeiro, porque a ex-colônia era uma das principais feitorias de escravos, fazendo com que o povo africano tivesse de se deslocar forçadamente através do mar. É sintomática, ainda, porque a maioria dos cabo-verdianos reside fora de Cabo-Verde, ou seja, sentem necessidade de deixar a pátria com o intuito de partir, passando pelo mar, para os Estados Unidos, Portugal, Brasil e França, por exemplo, em busca de melhores condições de vida. Além disso, após a independência o turismo e a riqueza marinha do arquipélago são as principais fontes da economia do país, o que ressalta a importância do mar para os cabo-verdianos.

Por esses motivos, a identidade do povo cabo-verdiano, de acordo com Chaves e Macedo (2006), marcada por diásporas, fugas, exílio e busca por melhores condições, aparece poeticamente representada nos poemas selecionados do autor e no filme através do imaginário marítimo. Então, o mar surge, nas poéticas cabo-verdianas, segundo Santilli (2007), representando a busca pelas especificidades da jovem nação, a liberdade e a esperança, mas também aparece para aludir à tristeza, ao desterro e à percepção de uma sina. Portanto, lançar mão do método comparativo para fazer analogia de dois tipos de arte que utilizam o mesmo imaginário marítimo como modo de representação, questionamento e delimitação das questões identitárias de Cabo Verde é fundamental

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e
Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

para a compreensão dos conflitos, dos traumas e das necessidades de um povo e de uma nação que se encontram em processo de formação e afirmação.

1. ÁGUA

De acordo com Bachelard (1989), são recursos poéticos recorrentes a referência aos quatro elementos: fogo, ar, terra, água. Para o autor, a água é o elemento transitório, a metamorfose ontológica entre fogo e terra. A água representa a vertigem, a morte, o recomeço. A água também representa a desobjetivação, a possibilidade poética. Isso tudo parece de acordo com o produzido por Amílcar Cabral e representado em *Nha fala*, na medida em que se utiliza a simbologia do mar para representar o reinício, o repensar, a liberdade, a esperança.

2. O MAR, ARTE E CABO-VERDE

Amílcar Lopes Cabral, nascido em Bafatá, Guiné-Bissau, no dia 12 de Setembro de 1924, morto em Conacri, em 20 de janeiro de 1973, foi um político e poeta da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Por sua representatividade política, por sua postura de embate diante dos problemas sociais de seu país, e pela qualidade literária de seus escritos, que também refletem as dificuldades de Cabo Verde e Guiné-Bissau, foram selecionados três poemas desse autor a fim de analisar como o imaginário marítimo e o motivo poético água são tratados.

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e
Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

No poema **Naus sem rumo**, é perceptível o sentimento de melancolia do eu-lírico diante da realidade na qual Cabo-Verde está inserido. Para produzir o sentimento de forma mais dilacerante, o eu-lírico faz uso do imaginário marítimo, representando pelas naus. Entretanto, não são simples navios navegando pelo continente. Na verdade, esses dez navios, ao que tudo indica, representam metonimicamente as dez ilhas de Cabo Verde. Portanto, o sentimento dilacerador em face da falta de bases para o país se reerguer e reconstruir é produzido com base no mar, o que é bastante interessante, já que foi o mar o responsável pela ruína e pela ascensão de Cabo Verde.

Na primeira estrofe, o sujeito poético deixa claro que, além de representar as ilhas de Cabo Verde, as naus poetizadas podem representar também o povo africano: os navios carregam pedaços do Africano, provavelmente o continente, mas possivelmente também o povo. Além disso, na primeira estrofe as naus são caracterizadas como “dispersas” (v1), “emersas” (v 2), “sozinhas sobre o Oceano” (v. 3), “enjeitadas” (v. 8). Com isso, o eu-lírico parece produzir uma imagem de desolação diante do estado em que os navios ficaram e parece, também, produzir uma retomada histórica poética da História do país. Cabo Verde, assim como as naus do poema, foi usurpado e usufruído e depois jogado à própria sorte, talvez por isso o sentimento de tristeza, relacionado à simbologia inerente à água, tome conta do eu-lírico nos versos.

Na segunda estrofe, a voz enunciativa do poema retomada novamente o passado. O eu-lírico destaca que as naus/Cabo Verde assemelham-se às naus de Portugal dos Descobrimentos. Portanto, tão inseguro e sem fontes para fiar sua aventura em busca da novidade e do avanço quanto o Portugal quinhentista, aparece poetizado Cabo Verde e

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e
Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

seu povo, também tendo que navegar, ou caminhar, contra o vento, contra o mar tempestuoso, em busca do Infinito, ou seja, em busca da consagração, em busca da formação de uma identidade que fuja um pouco daquela que o eu-lírico parece enxergar criticamente e poetiza nessas imagens: “Naus da fome, do Sonho, da Morna, da Desgraça” (versos 35 a 38).

Na última estrofe, o eu-lírico parece produzir uma visão esperançosa do país. Ao perguntar “Onde ides?” para as naus, parece deixar claro que nota um movimento, uma mudança, uma ação dessas naus, ou do país e do povo que elas parecem representar. Apesar da falta de rumo, da falta de ajuda, do sofrimento, o povo de Cabo Verde segue navegando, segue lutando e sonhando em busca do Infinito.

Já no poema **Poema**, o imaginário marítimo aparece para potencializar o sentimento de revolta do eu-lírico. O eu-lírico, nos versos de *Poema*, assume para si a capacidade de fazer ecoar em todos os cantos da Terra seu grito capaz de assegurar seu lugar no mundo. Entretanto, ao final do poema, o eu-lírico deixa claro que, primeiro, ele é o mundo (“... Ah! O meu grito de revolta que percorreu o Mundo,/ Que não transpôs o Mundo,/O Mundo que sou eu!” versos 14, 15 e 16), e, segundo, o grito está entalado na garganta de todos os homens (“Ah! O meu grito de revolta que feneceu lá longe,/ Muito longe,/ Na minha garganta!/ Na garganta de todos os Homens” (versos 16, 17, 18, 19).

Portanto, seu grito de revolta parte de si para si e de si para todos, como se o mundo fosse construído através da percepção individual de cada homem que sente desejo de gritar para se revoltar contra uma situação incômoda, como se a mudança fosse possível apenas através do grito de revolta que parte de cada um, contagia a todos, atravessa os mares e contamina o mundo.

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e
Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

O imaginário marítimo aparece no poema para reforçar a noção a um grito que ultrapassa fronteiras. Ao demonstrar que seu grito chegou até os vales mais longínquos da Terra passando por mares e oceanos, o sujeito poético acaba por indiciar que esse grito está relacionado com sua condição de cabo-verdiano. É a revolta do eu-lírico por conta de anos de opressão a qual ultrapassa as fronteiras marítimas que ao mesmo tempo cerceiam e são a única possibilidade. Ao dizer que é o mundo e ao dizer que seu grito de revolta ganhou o mundo pelos mares e oceanos, o eu-lírico parece afirmar sua condição de luta por sua nação através das possibilidades do símbolo água: é um grito para fugir das grades do mar, é um grito de liberdade.

No poema **Regresso**, a água aparece como que para auxiliar o eu-lírico a purgar os males, representada na chuva que transforma a tempestade marítima em bonança. É uma água amiga, que vibra dentro do coração do eu-poético, uma água que bate com força, que inunda toda a ilha e a transforma em um lugar onde flores florescem. É uma chuva que fala para acalantar o coração do eu-lírico e transforma tudo em verde, a cor da esperança, ou a cor e o sentimento de Cabo Verde.

No texto poético em questão, o imaginário marítimo aparece para sugerir que o passado de Cabo Verde, ligado aos motivos navegação e à diáspora através da imagem da tempestade, foi destrutivo e arrebatador como um mar enfurecido. Entretanto, a chuva aparece para fazer esse passado ser redimido e, assim, fazer com que as tempestades do pretérito transformem-se em esperanças para o futuro (O bater da chuva lá no seu portão./ É um bater de amigo versos 2 e 3 e “Dizem que o campo se cobriu de verde/Da cor mais bela porque é a cor da esp’rança/Que a terra, agora, é mesmo Cabo Verde./– É a tempestade que virou bonança...” versos 10, 11, 12 e 13)

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e
Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

Portanto, se no primeiro poema as águas marítimas pelas quais o eu-lírico se obriga a lutar contra representam o esforço do cabo-verdiano, se no segundo poema representam a vontade de ser livre do cabo-verdiano, no terceiro a simbologia da água aparece para lavar os problemas do eu-lírico, aparece amistosa e significando a esperança. Assim, percebe-se que o sentimento de luta, de anseio por liberdade e de esperança característicos do povo Cabo-verdiano aparecem poetizados através do motivo poético água.

Isso tudo aparece representado no filme **Nha Fala** (2002) – A Minha Fala em crioulo – é um filme de longa-metragem de Flora Gomes, uma co-produção entre Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Portugal, França e Luxemburgo. Trata-se de uma comédia musical protagonizada por uma linda jovem mestiça que viola um interdito cultural. A transgressão é simbólica: em vez de a levar a um confronto com a morte, como indicado pela tradição cabo-verdiana, leva-a a um confronto com a vida. Em vez de causar a anunciada tragédia, torna-se ato redentor que a liberta. A tragédia, augúrio ditado pela condição africana, é contornada por um poder maior, que a tradição subestima, reprimida pelo colonialismo: a força da vida.

No filme, as águas aparecem como uma das únicas soluções para a protagonista conseguir realizar o sonho de crescer na vida. E não só a protagonista: praticamente todas as personagens do filme conheciam alguém que morava no além-mar, alguém que havia navegado para outros países em busca de melhores condições. E isso não parece ser apenas uma potencialização do motivo poético em análise neste trabalho, uma vez que, de acordo com Santili (2006), parcela considerável da população cabo-verdiana reside fora do seu país de origem.

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e
Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

Portanto, em *Nha Fala*, nota-se que, ao mesmo tempo em que representa a liberdade e a esperança, o mar para os cabo-verdianos representa a impossibilidade do povo de conseguir crescer dentro do seu país de origem. Entretanto, as personagens parecem sair de Cabo Verde tristes, pensando em voltar para auxiliar a construir um Cabo Verde diferente do qual elas nasceram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se, através do possibilitado pela comparação entre os poemas e o filme selecionados, que um motivo poético recorrente na poesia cabo-verdiana acaba ganhando destaque em uma obra cinematográfica. Isso leva a crer que as profecias de críticos radicais de que a poesia não possui mais espaço em um mundo globalizado de relações líquidas e de contatos culturais efêmeros pode estar um tanto equivocada.

Primeiro, porque a poesia extrapola o gênero lírico. O poético não precisa estar em versos para produzir sentidos no leitor. Este trabalho tentou se firmar na tese de que um motivo poético recorrente em poemas, um gênero de pouco destaque no século XXI, pode conviver com e ser retomado pelo cinema, um tipo de arte que possui público cativo na atualidade. Obviamente, fazendo essa transposição, perde-se (ou muda-se de perspectiva) um pouco o acuro estético ou as possibilidades de recepção do gênero lírico, baseadas na imagem, na imaginação, no que Bachelard (1993) chamaria de campo de trabalho da alma. Com o cinema, o motivo poético é pré-estabelecido, mas, como no filme *Nha Fala*, a sugestão metafórica e imagética ainda pode existir, pois, assim como nos poemas analisados, há indícios que auxiliam a corroborar a leitura e não há uma leitura pré-estabelecida ou imposta. Portanto, a imagem poética, no filme,

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e
Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

ao contrário de nos poemas, está previamente construída, porém, em ambos, as possibilidades poéticas da imagem, os indícios da sugestão metafórica, ainda estão diretamente ligados ao que é captado e percebido pelo leitor em contato com o permitido pela obra de arte.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. *Poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: Olympio, 2000.

CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

CHEVALIER, Jean; Gheerbrant, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: Olympio, 2008.

DURAN, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MONGA, Célestin. *Nilismo e negritude: as artes de viver na África*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e
Patrimônio Cultural

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF

Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

Passo Fundo (RS), Brasil.

SANTILI, Maria Aparecida; FLORY, Suely Fadul Villibor. *Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas – Cabo Verde: Ilhas do Atlântico em prosa e verso*. São Paulo: Arte e Ciência, 2007.

ⁱ Graduando do Curso de Letras Bacharelado em Português\Literaturas na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil. Bolsista PIBIC/CNPq no projeto de pesquisa *Ressonâncias e dissonâncias no romance lusófono contemporâneo*, sob a orientação do Prof. Dr. Anselmo Peres Alós. Email: julian.bohrz@hotmail.com

ⁱⁱ Orientador. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Adjunto no Departamento de Letras Vernáculas da UFSM. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras, na mesma instituição.